

**O GANCHEIRO**  
(João Henrique Cunha)

Dizem que tenho um defeito  
Eu, já acho que é uma qualidade  
Esta mania de sentir saudade  
De coisas que nem sempre vivi  
Mas que ainda estão por aí  
Nas lembranças de uns poucos  
E deixem que nos chamem de loucos  
Apenas sentimos, o que temos que sentir

Nesta linha de pensamento  
Me surgiu de repente na memória  
Uma figura que fez parte da história  
Dos torneio de laço, na disputa de armada  
Lá no fundo da cancha, olho na disparada  
Atento ao laçador campeão  
Estava sempre o gancheiro  
Para livrar a rês da laçada

Aquela figura solitária  
Por vezes esquecida na festança  
Por certo, algum peão de estância  
Que a pedido de seu patrão  
Depois de cumprir suas obrigação  
De trabalhar a semana inteira  
Abandonava sua pausa domingueira  
Para ficar ali, de gancho na mão

Mas não se queixava da lida  
Se sentia feliz por participar  
Era sua diversão ir ajudar  
Mostrando toda sua destreza  
Sua simples presença com certeza  
No meio daquele movimento  
Talvez, lhe desse o reconhecimento  
De melhor gancheiro das redondezas

Do lombo de seu pingo  
Só apelava na pausa pro churrasco  
E com medo de fazer algum fiasco  
Esperava os patrão terminar  
Para só depois churrasquear  
Em companhia dos outros peões  
Proseando causos dos galpões  
Aguardando o torneio recomeçar

Como surgiu este ofício  
É algo que não sei relatar  
Mas tento sempre adivinhar

Que em algum galpão de mato  
Algun brasino metido a gaiato  
Com um doze braças nas guampa  
Avançando, mostrando sua estampa  
Se agarra no chão feito carrapato

E o peão na outra ponta do trançado  
Prevenido, sabendo onde se mete  
Sem proteção das trevas do brete  
Na tentativa de soltar o laço  
Tenta pescar a argola de aço  
Com uma vara de guaramirim  
Tira a corda, solta o boi, e assim  
Libera da força seu cavalo Picasso

Assim imagino o acontecido  
Ou talvez foi de outra forma  
O importante é a lembrança que retorna  
Em época de comemorada evolução  
Onde trocam nossos costumes e tradição  
Por ridículas e bisonhas modernidades  
Cometendo verdadeiras atrocidades  
Com a história e a cultura do nosso chão

Por certo esta saudosa figura  
Perdeu espaço nos nossos rodeios  
Hoje, com a evolução e seus meios  
Tudo muda, o ultrapassado se foi  
Onde até uma moto, substitui um boi  
Onde o jeans substitui a bombacha  
A marca de casco, pela marca de borracha  
Um Buenas Tarde, por um simples “oi”.

E é por isso que nos torneios de hoje  
Quando corro os olhos no entrevero  
E não vejo a silhueta do gancheiro  
Pois as coisa, já são doutro jeito  
É que, para acalmar a tristeza do peito  
Tento captar ao longe, do infinito  
Aquele saudoso e sonoro grito  
“Enrodilha o laço, que o serviço tá feito”